

MUSEU DA PESSOA

História

Soldados de Getúlio

História de: [Tiago José de Sousa Filho](#)

Autor: [Tiago José de Sousa Filho](#)

Publicado em: 02/07/2008

História completa

Soldados de Getúlio Mais ou menos seis e meia, boquinha da noite, Valdemar chegava. Vinha quase todo dia naquela mesma hora, depois que a gente já havia jantado. Muito amigo de meu pai, os dois jogavam conversa fora durante horas. Valdemar era telegrafista do hoje extinto DNOCS, sigla do pomposo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas e, como o nome propunha, tinha a função de, nas estiagens do Nordeste, garantir água e irrigação com a construção de açudes e mais açudes (que ocorriam mais em propriedades particulares). Meu pai - getulista ferrenho - por essa época ainda trabalhava numa oficina mecânica, que a gente chamava de usina. Ele e Valdemar conversavam sobre tudo. Política, Religião, História do Brasil (na época eu tinha um deslumbramento especial pelos heróis nacionais). Os dois de vez em quando questionavam a possibilidade do presidente Jânio Quadros - que varreria de vez a corrupção do país - conceder aumento nos vencimentos dos funcionários públicos. Mas o que atraía, mesmo, a minha atenção - minha e de meus irmãos-, eram as histórias. A nossa imaginação voava. A mente da gente ficava povoada de heróis, cangaceiros, bandidos, pistoleiros. Eu montava uma tela de cinema imaginária e ficava dirigindo as cenas que se desenrolavam à minha frente. Ouvia o barulho dos tiros. A força volante em franca batalha contra cangaceiros. Lampião atacando cidades, assassinando Moreno, meu avô. Meu pai, então com 12 anos, junto de seus cinco irmãos, assistindo a cena da viuvez de sua mãe e da orfandade deles. O que Sigmund Freud prescreveria como terapia para a cura dos traumas que ficaram com ele? Vinham em seguida as vantagens, estórias de namoros (quando minha mãe não estava por perto) e proezas que cada um se arvorava ter realizado nos tempos de rapaz e que, atentamente, eu e meus irmãos ouvíamos com esmerada concentração. Quando paravam um instante, podia-se ouvir um alfinete caindo, tal era a nossa atenção à conversa dos dois. Ainda mais porque menino não podia interromper ou intervir em conversa de adultos. Quando a conversa descambava para o lado do Amazonas, então, era uma festa para os nossos ouvidos. Era uma glória ouvir as aventuras das quais meu pai dizia ter sido principal protagonista nas aventuras, rio acima, rio abaixo, manobrando a lancha do seu patrão, o “comandante” Moraes. Ou quando, como “soldado da borracha”, entrava naqueles seringais infestados de piuns, aranhas, surucucus, jararacucus, onças e outros bichos tão perigosos quanto. Escutar pela vigésima vez a estória da onça pintada que ele matou quando estava talhando uma seringueira, de costas para a bicha. Já sabíamos de todos os detalhes e mesmo assim continuávamos atentos, acompanhando como num seriado todos os pormenores, como se aquela fosse a estória mais inédita do mundo. Mesmo sem nunca ter visto uma seringueira, aprendemos como se fazia para colher o látex: fazia-se uma bandeira. Só não podíamos explicar como diabos era isto. E quando, numa festa, deu um tiro numa coruja que estava do outro lado do rio - e acertou Causou admiração em todos os presentes, e impôs respeito com a façanha. Foi penoso o episódio de quando passou vários dias tremendo de febre dentro de uma rede. Quase morreu dessa malária (e eu não estaria ouvindo então, tampouco, hoje, recontando a estória). Chegou a fazer um pacote de todos os documentos e entregá-los ao patrão para que ele enviasse para a família na Paraíba. Nós, nesse estado tão seco e de sol tão quente, sabíamos como os passageiros das gaiolas armavam suas redes umas por cima das outras e como era o sofrimento dias e dias viajando ao longo daqueles rios imensos. Tinha também a história do gol que ele marcou quando jogou em um time em Boca do Acre. Menos de vinte anos separavam os eventos do Amazonas das narrativas de então. Eu tinha 10 anos. Hoje, aos 56 eu fico fazendo uma análise política dos fatos a respeito do descaramento daquele governante, ardoroso defensor - e usuário - do Fascismo, que convocava e alistava pobres e incautos nordestinos, mandava-os para o meio da mata (virgem, na época) para que fizessem muita borracha para abastecer de pneus as viaturas dos aliados, mais precisamente, dos americanos, que brigavam na Europa contra Hitler e Mussolini. Vai-se entender cabeça de político